

IMPACTOS DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: OLHAR À EDUCAÇÃO BÁSICA

Betina Stockmanns^{1*} (IC), Everton Bedin¹ (PQ)(FM). betinastockmanns@hotmail.com

¹Universidade Luterana do Brasil, Ulbra, Avenida Farroupilha, 8001, Bairro: São José, Canoas-RS, CEP: 92425-900

Palavras-chave: avaliação, formação docente, estágio curricular.

Área temática: Avaliação

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar e refletir sobre uma atividade que teve a finalidade de analisar os métodos de avaliação utilizados na Educação Básica, em especial, nas aulas de química no decorrer das observações em turmas de primeiro ano do Ensino Médio, oportunizando a estagiária uma reflexão acerca da avaliação na formação inicial docente e em sua prática pedagógica. As informações diagnosticadas foram adquiridas ao longo de 15 horas/aula de observação durante uma investigação sobre a eficiência das metodologias avaliativas da professora titular. Os dados apresentados de forma teórica crítica-reflexiva neste trabalho apontam para a necessidade de uma discussão de alternativas para aperfeiçoar os meios avaliativos na Educação Básica, contribuindo para a construção da identidade do educador, a fim de que este perceba que a avaliação é fruto de seu trabalho; serve para diagnosticar se seus objetivos foram alcançados e despertar no aluno o interesse e o desejo pela aprendizagem científica.

Introdução e aportes teóricos

Os cursos de licenciatura abrangem disciplinas específicas denominadas de Estágio Curricular Supervisionado, a fim de preparar os futuros professores à docência e agregá-los conhecimentos para a formação da identidade docente. Diante disso, conceitos teóricos como didática, planejamento e avaliação estão presentes periodicamente nos saberes dos licenciandos, sendo fundamentais para uma boa prática pedagógica. Especialmente neste artigo, o viés abordado será o de avaliação, dando-se ênfase nas questões referentes à essencialidade e o cerne desta na Educação Básica.

Avaliar é um exercício de refletir sobre o estado atual da educação. Este processo serve para o aluno perceber seu próprio desempenho e querer melhorar a qualidade de sua aprendizagem tanto quanto para o professor diagnosticar falhas em seu trabalho. Isso não deve levar à consequência de competitividade, mas uma maneira saudável de evoluir conhecimentos. A importância da avaliação no processo educativo vai do ensino pedagógico à socialização e como o indivíduo interage para sua construção socio-cognitiva.

Nesta perspectiva, os instrumentos avaliativos, preferencialmente, devem conter aspectos contextualizados e inseridos na realidade do estudante, onde o mesmo deixa de ser um receptor passivo e participa ativamente do processo. Afinal, os motivos e as práticas para a existência de um sistema avaliativo, na concepção de Freitas (2004, p. 7), foram muitos.

38° EDEQ

Encontro de Debates sobre o Ensino de Química

Primeiro, as práticas foram tidas como necessárias porque se prestariam a conferir e verificar resultados frente a objetivos da educação nacional, proporcionando a aplicação da ciência para “formar a consciência técnica” no âmbito escolar, posto que condição necessária à expansão e à melhoria da educação. A seguir, tais práticas propiciariam ao Estado central “conhecer a realidade” e fazer “diagnósticos” com o que, em lugar de acentuar-se a regulação pela via legal, seriam fornecidas “indicações e sugestões” para a qualificação da expansão do atendimento, da administração escolar e do ensino. No momento seguinte, “medir, avaliar e informar” foram práticas consideradas importantes para a instrumentação da racionalização, da modernização e da tutela da ação educacional. Logo a seguir, os motivos para recorrer a essas práticas se reportaram às tarefas de reajustar a regulação estatal e de criar uma cultura de avaliação no País.

Segundo esse viés, a avaliação teve dois modelos principais, conforme descreve Barretto (2001, p. 62):

Um dos discursos reporta-se essencialmente à avaliação qualitativa do ensino, valoriza o processo de aprendizagem, concentra-se na avaliação feita no interior da própria escola pelos atores educacionais. Ele vem sendo reforçado pela expansão do regime de ciclos escolares, cujos pressupostos são o de garantir a continuidade da escolarização sem as rupturas provocadas pela repetência e o de possibilitar a criação de condições para que a escola trabalhe diferentemente com a diversidade dos alunos.

Para realizar o controle da avaliação efetiva na Educação Básica, segundo Locatelli (2002, p. 5), é necessário empregar a avaliação sistêmica, a qual apresenta o objetivo de “monitorar a qualidade” e de promover a incorporação da avaliação externa no cotidiano escolar como apoio à melhorar a qualidade do ensino. O conceito de monitorar, formulado pela Cepal (1995, s/p), relaciona-se com a gestão administrativa e consiste no exame contínuo ou periódico da operacionalização do previsto, visando controlar o cumprimento do que foi estabelecido como metas em projetos sociais.

Em consequência das definições da avaliação na/para a Educação Básica, este artigo tem como objetivo, além de relatar estas definições a partir de teóricos da área, verificar a produtividade e os impactos dos métodos avaliativos no Ensino de Química do primeiro ano do Ensino Médio, dando-se ênfase ao tipo de avaliação aplicada em duas turmas em relação à metodologia docente adotada e desenvolvida nestas turmas no percorrer do trimestre.

Contudo, destaca-se que o método avaliativo na Educação Básica tem papel fundamental, principalmente para transformar, justificar ou até mesmo rejeitar aquilo que se avalia. A avaliação pode funcionar como um eficaz fio condutor e integrador de ideias que se aperfeiçoa ao longo do processo. Porém, para julgar a qualidade da avaliação é necessário que o contexto em que esse processo se desenvolve seja levado em consideração, na realidade de seu momento e no tempo histórico em que ele ocorre.

Diante disso, espera-se que os resultados dessas análises evidenciadas da prática pedagógica possam levantar hipóteses sobre as possíveis causas dos “problemas” na avaliação, modificando as ações docentes para alcançar o que tem de melhor no desempenho dos estudantes, munindo-os de competências e habilidades, mesmo no ato de expor aquilo que sabem.

38° EDEQ

Encontro de Debates sobre o Ensino de Química

Nesta perspectiva, a avaliação é, sem dúvida, um instrumento de suma importância no processo de aprendizagem, pois possibilita ao professor a verificação dos conteúdos que foram ensinados e como os alunos absorveram e ressignificaram essas informações, além de ser uma forma para o professor perceber e analisar se seus objetivos foram alcançados ao longo do desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem.

Para os alunos, a avaliação também se torna essencial, uma vez que ajuíza seus conhecimentos e dá a oportunidade de os mesmos esclarecer aquilo que não foi entendido. Sobre esse método, Méndez (2002, p. 74) afirma que:

[...] a avaliação torna-se importante no momento da informação prática aos professores sobre a qualidade das aprendizagens que os alunos estão realizando. Ao mesmo tempo, oferece uma boa oportunidade para melhorar tanto o processo de aprendizagem (...) quanto às ações futuras de ensino mediante a reflexão, a autocrítica e a autocorreção a partir da prática escolar.

Conforme algumas referências encontradas, existem três principais tipos de avaliação, são elas: somativa, diagnóstica e formativa. A primeira categoria abrange os resultados avaliados durante um período e somados para receber apenas uma nota. Segundo Bloom, Hastings e Madaus (1983, p.100), “a avaliação somativa é uma avaliação muito geral, que serve como ponto de apoio para atribuir notas, classificar o aluno e transmitir os resultados em termos quantitativos, feita no final de um período”. Porém, esse método exige um certo cuidado para que não se transforme apenas numa simples classificação e deixe de considerar a aprendizagem significativa do aluno.

Por outro lado, a avaliação diagnóstica desenvolve uma reflexão sobre a didática utilizada pela professora, detectando suas falhas, dificuldades e examina redimensionar as estratégias para um melhor desempenho. Essa avaliação, na observação de Ferreira (2009, p. 33), pode ser utilizada para:

- conhecer o aluno, sua bagagem cognitiva e/ou suas habilidades;
- identificar possíveis dificuldades de aprendizagem;
- verificar o que o aluno aprendeu ou não aprendeu, identificando causas de não aprendizagem;
- caracterizar o aluno quanto a interesses ou necessidades;
- replanejar o trabalho.

Por fim, a avaliação formativa preocupa-se em ressignificar os saberes e, assim como comenta Perrenoud (2008, p. 68), “[...] dá informações, identifica erros, sugere interpretações quanto às estratégias e atitudes dos alunos e, portanto, alimenta diretamente a ação pedagógica”. Para concluir a ideia de avaliação e aprendizagem, Luckesi (2011, p. 175) afirma que

Se o maior objetivo da escola é que os educandos aprendam e com isso se desenvolvam, a avaliação deve estar a serviço desse pressuposto. Deve então constituir-se como um ato de investigação da qualidade das aprendizagens dos alunos, configurando-se como avaliação diagnóstica e, a partir desta, motivar a proposta de ações que aproximem o desempenho real dos estudantes daquele que se deseja que eles alcancem.

Através dessas categorias descritas, a que melhor se enquadra para alcançar os objetivos da aprendizagem é a avaliação formativa, a fim de resultar no

aproveitamento completo do aluno e diagnosticar falas no desenvolvimento do processo de aprendizagem. Afinal, conforme o supracitado, essa forma avaliativa está a serviços das decisões pedagógicas para ter a função principal de facilitar a aprendizagem. Para os alunos, os benefícios que surgem são através do desenvolvimento de estratégias necessárias para seu ensino e para que possam se tornarem participantes ativos desse processo.

Isso porque eles constroem sua própria opinião de novos conceitos e não estão apenas absorvendo informações que são despejadas durante as aulas tradicionais. Do mesmo modo, o professor tem vantagens na avaliação formativa, uma vez que seu planejamento não resultará de avaliações com caráter classificatório, mas uma ressignificação de seus próprios saberes com vistas a evoluir conceitos predefinidos.

Desenho da Pesquisa

A atividade descrita neste trabalho foi desenvolvida por meio de observações realizadas em turmas de primeiro ano do Ensino Médio como requisito parcial de avaliação/aprovação na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I, no curso de Licenciatura em Química de uma universidade de Canoas. A escola onde realizou-se as observações encontra-se no município de Novo Hamburgo, região do Vale dos Sinos, localizada no Estado do Rio Grande do Sul.

As observações foram registradas em um diário de bordo para que, posteriormente, as anotações fossem analisadas e interpretadas para, finalmente, entender e refletir sobre a eficácia dos métodos avaliativos em sala de aula à luz da metodologia docente empregada. Para tanto, observou-se a metodologia da professora, o que ela desenvolveu e como ela desenvolveu durante as aulas, para traçar um perfil da avaliação realizada com a didática utilizada. Ao término, solicitou-se à professora uma cópia da avaliação aplicada à turma para que a mesma fosse interpretada e analisada à luz das anotações referentes a metodologia.

O perfil sobre os dados coletados foi observado de forma quantitativa e qualitativa, para que não fosse avaliado apenas o desempenho numérico no ensino do aluno, mas também como aquele conhecimento contribuiu para seu crescimento científico. Para tal avaliação, utilizou-se os métodos avaliativos da professora titular da turma, como testes e provas, além de investigar outros saberes através de uma autoavaliação subjetiva.

Resultados e Discussão

Os resultados encontrados foram referentes à dois aspectos analisados: 1º. metodologia empregada nas aulas e 2º. modelos de avaliação aplicados à luz das metodologias. Os métodos didáticos utilizados em sala de aula pela professora titular de química foram diversificados, considerando o conteúdo a ser trabalhado. Ou seja, em suma, as aulas foram teóricas mas a professora utilizou o livro didático cedido pela escola para dirigir o conteúdo e realizar os exercícios extras, dando-se ênfase a estes como suporte de revisão ao processo avaliativo. Alguns encontros de aprendizagem propiciaram atividades e trabalhos em grupo, através de socialização das ideias individuais e resultados de pesquisas desenvolvidas de forma extraclasse.

38° EDEQ

Encontro de Debates sobre o Ensino de Química

Ao analisar a prova, pode-se perceber que as questões contidas nesta avaliação não exigem do aluno uma formulação de respostas significativas, a fim de que este possa ressignificar seus saberes e desenvolver um pensamento crítico na elaboração da mesma. Isso porque os questionamentos são objetivos, solicitando apenas uma resolução direta e curta, a qual não envolve o estudante no processo de aprendizagem ativo e na retomada cognitiva de seus conhecimentos.

Assim, entende-se que essa avaliação, exclusivamente, possibilita que o estudante apenas memorize os conteúdos, sem relacioná-los entre si e construir novos conhecimentos. Os exercícios teóricos são superficiais e não abrangem todos os assuntos trabalhados, além de não estarem em forma de situação-problema, o que intensificaria a necessidade de o aluno pensar e refletir; logo, percebe-se que as questões presentes na avaliação fazem com que os alunos não desenvolvam todas as habilidades construídas, desmotivando-os frente ao ensino de química.

As questões envolvendo cálculos são de pouca relevância na prática do cotidiano, isto é, são questões diretas e sem contextualização, o que dificulta o raciocínio do aluno quando este necessitar assimilar o conteúdo com a realidade em que está inserido. Por exemplo, a questão 1, na qual é solicitado a relação entre os elementos químicos.

Todavia, é sagaz lembrar que o cenário analisado contou, mesmo que em menor quantidade, com uma avaliação diagnóstica. Ela tornou-se presente nos métodos avaliativos que exigiam subjetividade dos estudantes para responder questões de caráter mais descritivo. A professora de química, durante as aulas e em meio aos exercícios do livro, não na avaliação propriamente dita, refletia com o grande grupo sobre as possíveis respostas, orientando-os didaticamente as eventuais alternativas corretas. Esse exercício exigia do aluno um desenvolvimento de estratégias para organizar o pensamento intelectual e finalizá-lo de forma sucinta e clara no papel.

Ao tocante, uma passagem realizada dentro da sala de aula que descreve o supracitado foi um exercício desenvolvido no quadro sobre a tabela periódica. A professora realizou questões subjetivas e contou com a participação oral dos alunos para tentar solucionar os problemas. Dessa forma, houve a abertura de um debate sobre o assunto, com grande interação dos alunos e reflexão da professora acerca das respostas adequadas. Após um consenso com a turma, cada indivíduo finalizou sua resolução no caderno.

Contudo, esta atividade, apesar de contar com a participação de todos os alunos e a orientação direcionada da professora, além de ser uma situação-problema conexas a tabela periódica, possivelmente não foi pontuada pela professora como um processo avaliativo, já que a mesma só considera avaliação um trabalho realizado exclusivamente pelo aluno ou, como a mesma fez, uma prova individual e sem consulta.

Apesar do descrito, é necessário destacar que não se julga a avaliação da professora como algo desnecessário à aprendizagem do aluno, apenas se reflete sobre as ações diferenciadas que a mesma realiza em sala de aula, buscando a participação autônoma e ativa do aluno seja por meio de indagações ou problemas orientados, em relação a aplicação da prova, sua estrutura e a forma de diagnosticar os saberes do aluno, pontuando-o dentro de uma nota específica.

Portanto, convém, neste cenário, lembrar que este não é o papel da avaliação e, muito menos, que uma nota, muitas vezes um número sem nexos e sem

consideração cognitiva, possa demonstrar aquilo que um aluno entende/sabe de um determinado conteúdo e aquilo que ele ainda precisa construir/melhorar para constituir-se um cidadão completo referente àquele assunto.

Conclusão

Após a elaboração deste trabalho, concluiu-se que os objetivos foram alcançados, segundo o viés de realizar um perfil das definições de avaliação desta professora e observar a eficiência, as diferenças e as certezas das metodologias empregadas. O desenvolvimento das observações do estágio e a posterior análise das aulas de química possibilitaram o apontamento dos principais métodos de avaliação utilizados e como eles têm evoluído na realidade escolar atual. Todo esse contato com o ensino de química em construção contribuiu, também, para a formação da licencianda, uma vez que proporcionou aproximação da sua futura prática docente à realidade existente.

As relutâncias encontradas revelam que os critérios de avaliação ainda não são totalmente eficientes, falta buscar maneiras alternativas e significativas de avaliar os conhecimentos do estudante, além de aprimorar a contextualização dos conteúdos abordados e a significativa necessidade de a professora perceber o quão importante é analisar se seus objetivos de aula foram alcançados. O exercício de relacionar o científico com a realidade do aluno é uma tarefa complexa, porém de suma importância para estimular o interesse de aprender no aluno, transformando o pensamento pré-existente de que as ciências da natureza, como a química, são disciplinas árduas e desagradáveis.

Outros resultados relevantes deste artigo são que os professores em exercício na educação necessitam elaborar uma verificação da produtividade das suas avaliações, para que possam, caso seja proveitoso, buscar outros recursos e testar aptidões notórias de seus estudantes, por múltiplas ferramentas, não exclusivamente à prova teórica. Dessa forma, os processos de ensino e aprendizagem serão maximizados e as habilidades dos educandos serão melhores desfrutadas, além de estes apresentarem um crescimento contínuo e satisfatório.

Finalmente, a prática do estágio supervisionado através das observações das aulas de química possibilitou para à futura educadora uma reflexão crítica das ações pedagógicas e o valor de formar-se professora mais autônoma, competente e ética naquilo que faz. Portanto, os próximos frutos deste trabalho serão avaliar outros incidentes presentes na realidade escolar e como pode-se criar métodos para solucioná-los, enfatizando-se a necessidade destas reflexões avançarem à Educação Básica e contribuírem com uma educação consciente e de qualidade.

Referências bibliográficas

BARRETTO, E. S. A. A avaliação na educação básica entre dois modelos. **Educação & Sociedade**, ano XXII, nº 75, agosto/2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n75/22n75a05.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2018.

BLOOM, B.; HASTINGS, J. T.; MADAUS, G. F. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Pioneira, 1983.

CEPAL. **Formulacion y evaluacion de proyectos sociales**. Chile: Proposal, 1995

Os saberes docentes
na contemporaneidade:
perspectivas e desafios
na/pela profissão

18 e 19 de outubro de 2018, Canoas/RS

38° EDEQ

Encontro de Debates sobre o Ensino de Química

FERREIRA, N. S. C. **Gestão e Organização Escolar**. IESDE Brasil, 2009.

FREITAS, D. N. T. Avaliação da educação básica e ação normativa federal. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 123, p. 663-689, set./dez.2004. Disponível em: http://escoladegestores.mec.gov.br/site/5-sala_planejamento_praticas_gestao_escolar/pdf/u2_eixo1_3.pdf. Acesso e: 10 ago. 2018.

LOCATELLI, I. Construção de instrumentos para a avaliação de larga escala e indicadores de rendimento: o modelo Saeb. **Estudos em Avaliação Educacional**, n.25, p.3-21, jan./dez. 2002

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico** –1. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

MÉNDEZ, J. M. A. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Tipos de avaliação educacional. Disponível em: <http://ava.opet.com.br/conteudo/editora/curso_cosmopolis/avaliacao_educacional/PDF_ava_educ_UT6.pdf> Acesso em: 14 jul. 2018.

PERRENOUD, P. Avaliação - **Da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre. Artes Médicas., 2008.